

# A Diversidade na Era Pós-Verdade

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

# A Diversidade na Era Pós-Verdade

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
D618	A diversidade na era pós-verdade [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-871-7 DOI 10.22533/at.ed.717192312  1. Comportamento informacional. 2. Desinformação. 3. Fake news. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza.  CDD 306.4
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

“[...] o informador é obrigado a reconhecer que está permanentemente engajado num jogo em que ora é o erro que domina, ora a mentira, ora os dois, a menos que seja tão-somente a ignorância” Patrick Charaudeau.

Buscou-se neste e-book pensar sobre a Educação, a diversidade num mundo de pós-verdade, partindo do princípio que se vive a era da pós-verdade, cujo conceituação é de grande complexidade, pois a “pós-verdade” não se constitui apenas numa mentira, ou meia verdade, ou convicção. A verdade é um efeito discursivo. Esse fenômeno implica na maioria dos casos na prevalência de uma “verdade” sustentada por um raciocínio axiológico e patêmico. Estudar e problematizar a pós-verdade dentro do campo educacional se faz urgente, em especial, quando um dos deveres da escola são o acolhimento e a compreensão da diversidade humana. Assentados nos estudos de autores como Foucault, Angenot, Emediato, Boudon e outros, parte-se da premissa que a pós-verdade acentua-se na sociedade brasileira causando a indisponibilidade ao diálogo, assim, a maior parte das pessoas tendem a tratar as informações como verdadeiras só àquelas que confirmem suas crenças em detrimento daquelas que as invalidam. Cabe a todos sabermos problematizar o caráter retórico da percepção da pós-verdade, olhando para suas derivas, suas dispersões, no sentido de compreendermos como lidamos com aquilo que lemos, vemos, sentimos e agimos.

O século XXI emerge sob égide da complexidade das relações humanas e das mudanças civilizacionais. A complexidade e as transformações atingem a todos de forma implacável, em especial no que tange a educação; ao acolhimento e a compreensão da diversidade humana em seus vários âmbitos, soma-se a isso o modo como às pessoas interpretam a “verdade” do que ouvem, veem, leem, sentem ou a expressam.

As sociedades contemporâneas parecem viver num paradoxo constante: por um lado temos o neoliberalismo tentando impor-se e, por outro, o clamor da discussão de temas como o da diversidade humana e identitária, reivindicada por diversos movimentos/manifestações constantes em busca do reconhecimento das próprias especificidades (Tosi, 2010).

É necessário que os estudos e as pesquisas foquem no lado social, que busquem maneiras de amenizar as consequências da pós-verdade no ambiente digital, demonstrando aos cidadãos o quão importante é para a sociedade a sua participação na gestão da informação. Com uma sociedade criticamente atuante, que preze pela fidedignidade das notícias e pesquise a realidade dos fatos, independentemente de opiniões pessoais, as fake news, aos poucos, poderá diminuir sua visibilidade e a presença do fenômeno da pós-verdade, no ambiente digital, tende a ser reduzida.

Sendo assim, este e-book tem como objetivo refletir sobre a pós-verdade no campo da educação e da diversidade humana. Como podemos educar os homens para a verdade pautada na ética? Como a pós-verdade põe em risco um dos grandes

desafios da educação é que o de promover o acolhimento e a compreensão da diversidade humana em seus vários âmbitos, seja dentro ou fora da escola?

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A DIVERSIDADE NA PÓS VERDADE: PRÁTICAS DISCURSIVAS ENTRE FEMINISMO E A FAMÍLIA POR UMA ÓTICA FOUCAULTIANA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Débora Cristina Machado Cornélio Paulo Rennes Marçal Ribeiro Valquíria Nicola Bandeira Carlos Simão Coury Corrêa Andreza de Souza Fernandes Monica Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7171923121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>19</b>
AS OFICIAIS DA MARINHA DO BRASIL TITULARES DE ORGANIZAÇÕES MILITARES E SUAS TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS	
Vanessa Coelho dos Reis Luciana Patrícia Zucco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7171923122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>31</b>
ENCARCERAMENTO FEMININO: A (IN)EFICÁCIA DA POLÍTICA CRIMINAL ENQUANTO VIOLADORA DE DIREITOS	
Daiana Maturano Dias Martil Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7171923123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>42</b>
GESTÃO DE PESSOAS E LIDERANÇA: UMA ÓTICA FEMININA	
Lucília Grando	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7171923124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
ESCRITAS DE SI, POLIFONIA E CONSTITUIÇÃO DE REDES NA IMPRENSA LÉSBICA BRASILEIRA: UMA DISCUSSÃO DA REVISTA FEMME (1993-1996)	
Carolina Maia	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7171923125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
GESTÃO UNIVERSITÁRIA COM BASES NO FEMINISMO E NAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS PERFORMATIVAS	
Bya Braga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7171923126</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>76</b>
EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE NUM MUNDO DE PÓS-VERDADE	
Maria Regina Momesso Solange Aparecida de Souza Monteiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7171923127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>86</b>
MEMÓRIAS EDUCATIVAS DE LÉSBICAS: A MASCULINIDADE FEMININA COMO VISIBILIDADE DA DISSIDÊNCIA	
Keith Daiani da Silva Braga Arilda Ines Miranda Ribeiro Marcio Rodrigo Vale Caetano	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7171923128</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>92</b>
NEGRAS JOVENS OU JOVENS NEGRAS? UM OLHAR AO RACISMO E AO SEXISMO NA CONSTRUÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES NEGRAS	
Marjorie Evelyn Maranhão Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7171923129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>104</b>
QUEBRANDO IDEOLOGIAS SEGREGACIONISTAS: A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NAS EMPRESAS	
Iury Fagundes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71719231210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>116</b>
REPRESENTAÇÃO FEMININA DENTRO DO SISTEMA DO PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DE MATO GROSSO	
Raisha Conceição Silva Ellen Laura Leite Mungo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71719231211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>123</b>
O DISCURSO FEMINISTA NAS PICHÃOES: UM OLHAR SOBRE O URBANO	
Camilla Machado Cruz Thágila da Silveira Ribeiro Taís da Silva Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71719231212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>136</b>
TERRITÓRIO, CULTURA E IDENTIDADE NAS VOZES FEMININAS DA OBRA QUILOMBOLAS DO TOCANTINS	
Rose Dayanne Santana Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71719231213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>148</b>
PÁSSAROS DE PASSAGEM TAMBÉM SÃO MULHERES	
Carmem Silva de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71719231214</b>	



<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>157</b>
MULHERES INDÍGENAS DE RORAIMA: PROTAGONISMO, RESISTÊNCIA E LUTA	
Marcos Antonio Braga de Freitas	
Andréa Freitas de Vasconcelos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.71719231215</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>168</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>169</b>

## O DISCURSO FEMINISTA NAS PICHAÇÕES: UM OLHAR SOBRE O URBANO

### Camilla Machado Cruz

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM,  
Letras/Espanhol e Literaturas de Língua  
Espanhola  
Santa Maria, RS

### Thágila da Silveira Ribeiro

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM,  
Letras/Espanhol e Literaturas de Língua  
Espanhola  
Santa Maria, RS

### Taís da Silva Martins

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM,  
Departamento de Letras Clássicas e Linguística,  
Laboratório Corpus, Programa de Pós-Graduação  
em Letras  
Santa Maria, RS

**RESUMO:** Este estudo pretende refletir sobre possíveis evidências de feminismo em pichações das cidades de Córdoba e de Santa Maria, a fim de compreender a produção de efeitos de sentidos acerca da mulher. Pensamos que a forma como o sujeito-feminista se significa e se expressa no espaço público é fundamental para o processo de desconstrução do machismo. Sendo assim, procuramos vestígios que remetessem à esta ideologia no discurso das cidades. No decorrer deste estudo, em um primeiro momento selecionamos algumas fotografias de pichações que apresentam um

caráter feminista nas cidades de Santa Maria e de Córdoba. Em um segundo momento, relacionamos essas imagens com teorias acerca do discurso da cidade, das pichações e do feminismo. Devido à importância do tema na atualidade, torna-se crucial investigar por meio da teoria da Análise do Discurso de linha francesa e de estudos feministas, como o machismo ressoa na relação mulher/âmbito social. Analisamos prováveis vestígios dessa ideologia no discurso urbano para pensar na igualdade de gêneros como uma realidade que se constrói sem reduzir a importância de nenhum gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso urbano. Machismo. Feminismo. Análise do discurso. Pichação.

### THE FEMINIST DISCOURSE IN THE GRAFFITIS: A LOOK ABOUT THE URBAN

**ABSTRACT:** This study intends to reflect about possible evidences of feminism in graffitis of the cities of Córdoba and of Santa Maria, with the purpose to understand the sense effects production about woman. We think that the way that feminist-subject significate and express themselves at the public space is fundamental for the social process of deconstruction of sexism. Therefore, we find vestiges that remits to this ideology in the cities discourses. As long

as we do this study, in a first moment, we selected some graffiti's photographs that presents a feminist quality in the cities of Santa Maria and of Córdoba. In a second moment, we relate these images with the theories about de city discourse, the graffiti's and the feminism. Due the importance of this subject in the actuality, it turns crucial to investigate, through the French Discourses Analysis and the feminist studies, how the sexism resonate in the relation woman/social ambit. We analyzed probable vestiges of this ideology in the urban discourse to think of the gender equality without reduce the importance of any gender.

**KEYWORDS:** Urban discourse; Sexism; Feminism; Discourse analysis; Graffiti's.

## 1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste estudo, pretendemos compreender como o machismo ressoa no discurso feminista urbano expressado nos grafites das cidades de Santa Maria – Brasil e de Córdoba – Argentina, pois acreditamos que a materialidade ideológica se concretiza por meio do discurso.

É de conhecimento geral que a cidade está repleta de sentidos nas paredes, constantemente grafitadas por diversos sujeitos. Dessa maneira, é necessário reconhecer o caráter destrutivo do machismo para combatê-lo, porque conformar-se é admitir que a mulher seja submissa à violência machista, às posições de inferioridade social e às condições de opressão.

Analisamos uma das materialidades discursivas produzidas pelo sujeito-feminista, que, por sua, vez ocupa um espaço em seu grupo social e procura expor um discurso comum nos espaços públicos, atuando contra o machismo.

Enfatizamos que o sentido do termo machismo está baseado na ideologia do sistema que socializa o homem para dominar a mulher, a qual existe para se submeter ao “poder do macho” (SANTOS, 2014). Em oposição, o conceito de feminismo está relacionado à busca pela igualdade entre homens e mulheres e à luta por direitos iguais, não a um sistema de dominação (AVERBUCK, 2013).

Compreendemos que a escrita urbana da sociedade suscita nos sujeitos a necessidade de grafitar (ORLANDI, 2003). Sendo assim, o sujeito procura uma forma de expressão abrangente ao escrever nas paredes da cidade, tentando fazer algum sentido culturalmente significativo.

Sabemos que a partir do ponto de vista social brasileiro, se considera grafite apenas o texto imagético, enquanto que pichação se considera o texto escrito ou até mesmo o texto codificado e específico de sujeitos periféricos que se identificam com a marginalidade do discurso próprio da pichação (MANO, 2009).

Porém, em nossas análises, definimos teoricamente como grafite ou pichação qualquer manifestação de grafismo, seja escrito ou imagético, em consonância com o conceito vinculado à Análise do Discurso, teoria que compreende o grafismo como a designação do que se encontra escrito ou gravado nas paredes da cidade e nos

monumentos desde a época antiga (ORLANDI, 2003).

Ao grafitar, o cidadão estabelece um diálogo com a urbe, buscando compreender o que a cidade fala, e, em contrapartida, reverberar o que ela tem para dizer (SILVA, 2004). Por conseguinte, o sujeito expressa e significa em relação ao convívio urbano e a ele mesmo, a fim de fugir da exclusão social que faz com que muitas vezes não seja ouvido, nesse caso, o sujeito busca exprimir uma ideologia de caráter feminista.

Dessa forma, recortamos para as nossas análises imagens de grafites presentes nos muros/paredes das cidades de Córdoba e de Santa Maria, e observamos as semelhanças entre os discursos feministas presentes nas vozes anônimas que se manifestam em uma luta contra o machismo por meio do grafite, essa escrita-símbolo da cidade, esse intento de resistir e de fazer sentido. Para tanto, refletimos sobre como a cidade, acontecimento social da atualidade, representa o discurso feminista contra o machismo em um processo simbólico.

Para explicar a metodologia de nosso trabalho, salientamos que o corpus de nossas análises é composto de seis grafites que expressam uma possível manifestação do sujeito-feminista, nos discursos inscritos nas cidades de Córdoba e de Santa Maria.

Inicialmente, fotografamos alguns grafites para compor o arquivo de nossas análises, os quais, desde o nosso primeiro gesto de interpretação, apresentam um discurso feminista em oposição à opressão dos homens sobre as mulheres na sociedade. Assim, constituímos um arquivo de 19 fotografias no total e, para organizarmos o corpus deste trabalho, recortamos três imagens pertencentes ao acervo de cada cidade, totalizando em seis fotografias.

Em um segundo momento, analisamos, nos discursos feministas, o teor de protesto contra a violência e opressão proveniente do machismo, tal como verificamos as possíveis mobilizações do interdiscurso dos grafites.

Por conseguinte, reconhecemos o feminismo como um objeto de estudo importante para a análise discursiva, visto que produz diversos efeitos de sentidos acerca da mulher por meio da memória, que: “(...) pensada discursivamente, refere-se ao saber discursivo, ao fato de que todo dizer se produz sobre um já-dito” (ORLANDI, 2003, p. 14). Os dizeres machistas estão estruturados na memória de nossa sociedade, muitas vezes de forma sutil e aparentemente não discriminatória.

Para inferir acerca dos sentidos sobre o feminino no urbano, observamos a mobilização da memória da cidade, a qual faz com que as palavras signifiquem e façam sentido ao serem interpretadas a partir de um saber discursivo prévio, o interdiscurso, o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos (ORLANDI, 2001). Nesse caso, o interdiscurso inscrito diz respeito à ideologia arraigada de que seria um dever da mulher submeter-se ao homem.

Os discursos das pichações de Córdoba e de Santa Maria foram relacionados com o referencial teórico feminista da escritora e filósofa feminista francesa Simone de Beauvoir (2014), pois acreditamos que sua contribuição para o feminismo atingiu o nível mundial de expressão a partir da obra *O segundo sexo* (2014), que analisa a

opressão sofrida pelas mulheres, sendo muito utilizada como ponto de partida para o estudo da temática.

Igualmente, nos baseamos nas pesquisas da filósofa brasileira Marilena Chauí (1985), a fim de refletir sobre a significação da mulher na sociedade latino-americana atual, assim como as da escritora e ativista feminista brasileira Clara Averbuck (2013), que aborda questões do feminismo contemporâneo no Brasil.

No que tange a aspectos da Análise do Discurso de linha francesa, a pesquisadora brasileira Eni Orlandi (2001, 2003, 2004), analista do discurso brasileira, é o principal expoente considerado nestas análises. Seus estudos nortearam as reflexões feministas abordadas em consonância com o discurso da cidade, sobre a maneira como o sujeito-feminista significa neste local, bem como os efeitos de sentido produzidos sobre a mulher na urbe.

De outra forma, pesquisas do sociólogo brasileiro Luciano Spinelli (2007) e da socióloga e feminista brasileira Heleieth Saffioti (1987), foram fundamentais para a compreensão das questões acerca do grafite no âmbito urbano atual, e particularmente como forma de expressão no Brasil.

Entendemos, a partir de nosso gesto de interpretação, que a sociedade se expressa também pelas paredes da cidade, tendo espaço público muito a dizer através de vozes marginalizadas e anônimas, as quais insistem diariamente em expor seus ideais nos muros.

Por isso, habitar a cidade é estar em contato com discursos urbanos que produzem sentidos sobre os sujeitos constantemente, modificando os discursos que permeiam os grupos sociais. Somente prestando atenção no que a cidade diz, é possível compreender os sentidos que cercam os sujeitos que vivem na urbe.

## **2 | PICHANÇA: A EXPRESSÃO DOS MUROS SANTA-MARIENSES E CORDOBENSES**

Neste trabalho, a pichação é entendida como a integração arbitrária de um signo à linguagem urbana caracterizada como letras ou assinaturas de caráter monocromático, feitas com spray ou rolo de pintura, difundida no Brasil, em um primeiro momento, a partir da cidade de São Paulo (SPINELLI, 2007).

Dessa maneira, as relações sociais são ressignificadas no ato de pichar, pois “[...] o espaço público é o espaço de convivência social politicamente significada dos sujeitos da cidade (ORLANDI, 2004, p. 96)”. Então, pichar é um indício contemporâneo da insistência em fazer visível que, por sua vez, desencadeia um movimento de consciência que atravessa toda a população segregada e parte de um grupo proveniente da exclusão social, com interesses comuns, buscando explicitar determinadas mensagens por meio da produção de sentidos. Tais sentidos, por consequência, interferem na cidade, assim como nas formas de relações sociais e na cidadania.

O grafite feito pelo sujeito-feminista caracteriza um grupo que propõe uma forma de expressão da luta contra a violência que oprime as mulheres, significando com um novo olhar o espaço urbano em que habitam e se identificam. Segundo Lara (1996):

Para identificar uma pichação coloca-se ao lado dela uma indicação pessoal ou do grupo que a realizou. Uma pichação é, portanto, rodeada de comentários que indicam sua procedência, as pessoas que a realizaram, se foram convidadas ou participam do grupo (LARA, 1996, p.51).

O ato de pichar é uma intervenção urbana que tem finalidades múltiplas no aglomerado urbano: um reconhecimento social de existir, um grito de protesto, uma identificação com um grupo social de interesses comuns, uma denúncia ao abandono e à falta de vigilância, uma construção da paisagem urbana, uma atitude de rebeldia frente às autoridades já que esta ação se configura como um crime no art. 65 da lei nº 9.605/98 (BRASIL, 1998), um ato de vandalismo e uma tentativa insistente de marcar território.

Ainda assim, é necessário perceber a cidade não somente como um espaço físico, mas também linguístico, que está constantemente sobrecarregado de sentidos (STEFANIU, 2016). Os efeitos de sentido produzidos pelas pichações são um reflexo das desigualdades sociais que conhecemos e vivenciamos no espaço urbano onde vivemos.

O fato de a pichação não ser uma prática legal promove discursos marginalizados. É comum ver esses discursos nas ruas da cidade, manifestando-se como pretensões de vozes antes invisíveis. Para entender as como o feminismo ressoa no discurso urbano, recorreremos a seis imagens de pichações feministas: três de Córdoba e três de Santa Maria.

### **3 | O URBANO EM CÓDOBA E EM SANTA MARIA: ALGUMAS ANÁLISES DISCURSIVAS**

Pensamos que o sujeito-urbano produz sentidos na cidade e estabelece uma realidade estruturada de acordo com a forma que esse espaço é capaz de afetá-lo, reverberando os sentidos do espaço urbano (ORLANDI, 2001). Para compreender como esses discursos significam, nos atemos a analisar pichações de duas cidades latino-americanas. Nesse sentido, as imagens que seguem são de fotografias das pichações do centro de Córdoba.



Figura 01 – Calle 9 de julio (15/03/2017).

Fonte: as autoras.

Na figura 01, observamos dois recortes: o recorte 01 é o enunciado *vivas, libres, sin miedo!*, enquanto o recorte 02 compreende a imagem que remete à uma vulva sangrando, em decorrência do aborto ou estupro, violências que vitimam as mulheres diariamente.

Acreditamos que o analista deve se preocupar com a forma que o discurso produz sentido. A partir desse ponto de vista, ressaltamos a importância das condições de produção ao investigar o corpus analisado. Conforme Orlandi (2001):

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentido que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista do discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer do texto, também fazer parte dele (ORLANDI, 2001, p. 30).

Nesse caso, pensamos que o sujeito-feminista desta imagem remete a um sujeito que é dependente, por ser destituído de liberdade para pensar, querer, sentir e agir autonomamente. Considerando que o lugar da mulher em espaços públicos e privados é marcado, em sua maioria, por formas variadas de dominação (PINTO, 2003), o sujeito-feminista manifesta o desejo de que as mulheres estejam vivas, porque pode ser que estejam morrendo em decorrência do aborto e de outras formas de violência machista.

De igual maneira, se as mulheres precisam de liberdade, devem estar presas pelo condicionamento machista. Se elas sentem medo, é porque não se sentem

em condições de dignidade. Portanto, as mulheres buscam coragem para enfrentar o machismo na sociedade atual, principalmente dentro da cidade, local em que o discurso feminista se manifesta.

Os sentidos opressores sobre a mulher estão naturalizados na sociedade. Em razão de pertencer ao gênero feminino, a mulher é vista como dependente por ser considerada um objeto à disposição do homem. Sobre a contestação dessa realidade, Beauvoir (2014) cita:

Ela sendo também um ser existente, sente a necessidade de sobrepujar e seu intento não é repetição, mas transcende em direção a um futuro diferente – em seu íntimo ela encontra a confirmação das pretensões masculinas. Ela acompanha os homens nos festivais que celebram o sucesso e as vitórias masculinas. Sua infelicidade é ter sido biologicamente destinada para a procriação da Vida, quando mesmo em sua própria visão da Vida, não leva em si as razões de existência, razões que são mais importantes que a vida em si (BEAUVOIR, 2014, p. 52).

Dessa forma, o discurso presente nesse grafite ressoa uma revolta do sujeito-feminista que se sente vítima mortal, mas que, ao mesmo tempo, se enfrenta o medo da violência e da violação do corpo ocorridos em decorrência do machismo, como está representado no recorte 02 pelo desenho em forma de vulva. Identifica-se, assim, a ideologia feminista fundamentada no sujeito que suplica por vida e por liberdade, que já não suporta temer o machismo e suas consequências brutais.

A característica de submissão é imposta socialmente à mulher por meio da memória que a sociedade perpetua. Por isso, nessa primeira imagem o sujeito-feminista procura estar livre dos sentidos que remetem à mulher como inferior e vítima, sentidos estes mobilizados pelo interdiscurso, a memória discursiva que retoma o discurso e afeta a forma de significação do sujeito (ORLANDI, 2001).

O sujeito-feminista expressa a aspiração de estar vivo e de viver sem medo do machismo, porque a violência e as mortes ocasionadas por essa ideologia são bastante recorrentes em mulheres.

A luta para desconstruir esse caráter alarmante do machismo está representada nesses dois recortes como uma ressignificação, uma tentativa de subversão do papel feminino. Então, a mulher não visa submeter-se, mas ser valorizada enquanto ser humano, que precisa de direitos iguais àqueles que são permitidos aos homens.





Figura 02 – Avenida Vélez Sarsfield (15/03/2017).

Fonte: as autoras.

Por sua vez, na figura 02, discorremos sobre outros dois recortes: o primeiro é o enunciado *mujer, a(r)mate* e o segundo é a figura que remete à uma granada em formato de coração.

No recorte 01, interpretamos que a mulher precisa se amar, e por isso se armar contra a imposição do machismo na sociedade. O sujeito-pichador recomenda à mulher que se arme, em um discurso imperativo de sugestão feminista, que propõe um conselho para as mulheres se defenderem da esmagadora realidade machista, amando a si mesmas e se armando contra o machismo. Tal interpretação se deve à disposição da letra (r) entre parênteses, forma que reflete a ambiguidade do enunciado: *armáte* (forma imperativa do verbo *armar* em espanhol) e *amáte* (forma imperativa do verbo *amar* em espanhol).

Para tanto, no recorte 02 o sujeito-feminista encontra no ato de grafitar um meio de expressar sua opinião em relação à situação, seja buscando liberdade, seja respondendo a esta imposição através do grafite, considerando que, a granada seria o armamento bélico a causar uma explosão na luta feminista. A arma em formato de coração pode significar a proposição sentimental da luta, ou seja, o motivo real da batalha é subjetivo nesse sentido, pois as emoções se encontrariam no coração do sujeito.



Figura 03 – Avenida Vélez Sarsfield (15/03/2017).

Fonte: as autoras.

Em contraponto, na figura 03 não o sujeito-feminista não aceita a condição de passividade e se posiciona a favor de um combate. A partir dessa análise, pensamos que esse grafite faz referência à violência, causada pelos homens e sofrida pelas mulheres, principalmente, concebida como machismo. Essa concepção de violência contra a mulher está relacionada, com uma ideologia que define a condição feminina como inferior à condição masculina, de acordo com Chauí (1995):

Ao considerá-los discursos masculinos, o que queremos simplesmente notar é que se trata de um discurso que não só fala de “fora” sobre as mulheres, mas sobretudo que se trata de uma fala cuja condição de possibilidade é o silêncio das mulheres (CHAUÍ, 1995, p. 49).

Do mesmo modo, as diferenças entre o feminino e o masculino são transformadas em desigualdades hierárquicas através de discursos masculinos sobre a mulher, os quais incidem especificamente sobre o corpo feminino.

Na figura 03, a vitimização e a passividade feminina são trocadas pela resistência do feminismo que busca combater a repressão machista que submete a mulher a diversas situações de violência.

Sendo a cidade um espaço social politicamente dividido, onde o público está rarefeito, isto se manifesta na linguagem manifestada pelo espaço (ORLANDI, 2003), ou seja, a denúncia se faz presente na gravação gráfica do espaço público urbano. Para compreender a denúncia social do movimento feminista na urbe, analisamos as fotografias abaixo, das pichações da cidade de Santa Maria:



Figura 04 – Casa do Estudante Universitário, UFSM, Camobi (16/04/2017).

Fonte: as autoras.

Conforme exposto na figura 04, a atitude de pichar é proveniente da tentativa de explicitar publicamente a vontade da mulher de se libertar, de utilizar sua força contra e de se opor ao teor do machismo, que é tão significativamente perigoso a ponto de ocasionar mortes e trazer medo.

Verificamos dois recortes nesta imagem: o recorte 01 é o enunciado machismo mata, que faz referência à violência machista, enquanto o recorte 02 é a figura de uma mulher no chão sendo esmagada pelo machismo, representado pelo símbolo do planeta marte, que por sua vez identifica o masculino que domina o sujeito-mulher.



Figura 05 – Rua Tiradentes (16/04/2017).

Fonte: as autoras.

Por sua vez, a figura 05 simboliza a ideia de que a vulva é a revolução, pois se troca a palavra viva por vulva, em um jogo que possui a finalidade de demonstrar o caráter libertador feminista em evidência. A força feminina prevalece no enunciado, posto que expõe a ideia de que a revolução ocorrerá pelo feminismo e através do sujeito-feminista.



Figura 06 – Rua Venâncio Aires (16/04/2017).

Fonte: as autoras.

O posicionamento do sujeito ao defender-se contra a realidade machista cruel e socialmente consentida, bem como ao ter voz para se expor contra a violência, está marcada na figura 06. Neste recorte, o sujeito-feminista resiste ao posicionar-se contra a violência sofrida pela mulher.

Por outro lado, embora concebendo a mulher como vítima, ela pode ser considerada submetida a essa relação desigual de poder com os homens. Sendo assim, as mulheres se sujeitam à violência não porque consentam, já que não têm poder suficiente para isso, mas porque, ao contrário, elas são forçadas a ceder.

Nesse viés, a violência contra a mulher resulta da socialização machista e do domínio do masculino sobre o feminino, segundo Saffioti (1987):

Dada sua formação de macho, o homem julga-se no direito de espancar sua mulher. Esta, educada que foi para submeter-se aos desejos masculinos, toma este “destino” como natural (SAFFIOTI, 1987, p. 50).

Por fim, sendo a cidade permeada pelos sentidos urbanos, percebemos essas pichações como sinais de uma ideologia feminista que propõe deslegitimar socialmente o poder do homem condicionado sobre a mulher, poder cuja essência propõe a violência como forma de controle. Ao compreender a cidade como um espaço de interpretação, se pode perceber a vontade de libertação feminista que está sendo expressada no espaço público, onde todos habitam e transitam.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, enfatizamos a importância da reflexão sobre o discurso feminista da cidade, que se faz presente nos grafites como denúncia social de um determinado grupo. A escrita tem como finalidade institucionalizar a linguagem para promover a individualização do sujeito a partir de suas formas de identificação (ORLANDI, 2003). Por isso, os muros do espaço público expõem uma ideologia feminista dos discursos que incidem no cotidiano da cidade, buscando propagar a resistência do movimento feminista diante do machismo imposto socialmente.

Portanto, destacamos que os grafites feministas são vozes que estão cotidianamente querendo ser ouvidas, dizeres que invadem nossa visão para serem compreendidos no registro escrito, como um apelo ao que não é visibilizado no caos das ruas. Por isso, acreditamos na necessidade de atentar ao processo de reconhecer a pichação feminista como uma forma de expressão contemporânea da cidade, que possui uma importante função social, a qual não pode ser ignorada, pois está inscrita em nossas próprias convivências.

Afinal, buscamos pensar sobre a relação discursiva da cidade como local simbólico, no espaço em que estes sujeitos significam e onde os sentidos circulam constantemente. As pichações são a escrita urbana, suas formas denunciam os modos de existência dos sujeitos e das relações sociais que aí se praticam (ORLANDI, 2001). Por isso, entendemos que o processo de formulação e de organização de efeitos de sentido pode revitalizar as relações sociais. Para que isso ocorra, é preciso interpretar as imagens pelo entremeio da memória e das condições de produção a fim de visibilizar a condição desigual da mulher na sociedade.

Finalmente, a identificação do sujeito se dá pela formação discursiva que se repete e que termina por naturalizar a condição da mulher, sendo que não refletir sobre essas relações propõe a permanência dos sentidos relacionados à inferioridade e vulnerabilidade das mulheres frente aos homens. Ao refletir sobre a discriminação do feminino, podemos combater o machismo e contribuir com relações sociais mais igualitárias.

## REFERÊNCIAS

AVERBUCK, C. Feminismo para leigos. **Carta Capital**, São Paulo, 28 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/feminismo-para-leigos-3523.html>> Acesso em: 13 de junho de 2017.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. Título original: *Le deuxième sexe*.

BRASIL. **Lei nº 9.605**, de 12 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1998. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9605.htm#art65](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9605.htm#art65)> Acesso em: 24/03/2019

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro, v. 4, p. 23-62, 1985.

LARA, A. H. **Grafite arte urbana em movimento**. Orientador: Luiz Roberto Alves. 1996. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola De Comunicações E Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

MANO, M. K. Pichação, a marca da desigualdade social. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 3 dez. 2009. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/pichacao-a-marca-da-desigualdade-social/>> Acesso em: 5 de setembro de 2017.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cidade atravessada**: os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas: Pontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas: Pontes, 2003.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: José Olympio, 2003.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. **Estudios interdisciplinarios de América Latina y el Caribe**, n. 1, Tel Aviv, v. 16, p. 147-164, 2014.

SILVA, R. L. Escutando a adolescência nas grandes cidades através do grafite. **Psicologia**: ciência e profissão, v. 24, n. 4, p. 2-11, 2004.

SPINELLI, L. Pichação e comunicação: um código sem regra. **Logos**, v. 14, n. 1, p. 111-121, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/15234>. Acesso em: 23 ago. 2019.

STEFANIU, L. F.; RAIMU, L. C. F. D. O espaço urbano, o grafite e a identidade do sujeito catador. **RUA**, n. 22, Campinas, p. 18-32, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8646064>. Acesso em: 23 ago. 2019.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Pedagoga, IFSP – Câmpus Araraquara. Doutoranda em Educação Escolar – UNESP- Araraquara. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

Construção 1, 7, 9, 14, 20, 21, 22, 27, 28, 32, 37, 39, 42, 49, 51, 52, 53, 55, 58, 59, 61, 76, 78, 87, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 116, 117, 118, 122, 127, 137, 138, 142, 149, 153, 159

Cultura local 116

### D

Direitos humanos 16, 18, 32, 41, 71, 79, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 120, 155

Direitos humanos das mulheres negras 92, 93, 99, 101, 102

Diversidade humana 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 108

### E

Educação 18, 45, 46, 47, 48, 68, 69, 72, 74, 76, 78, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 110, 111, 113, 114, 116, 119, 148, 150, 153, 164, 165, 166, 168

Educação escolar 76, 168

Escrita de si 53, 63

Estudo de doutorado 86

Estudos feministas 17, 19, 20, 28, 29, 52, 91, 102, 103, 123, 135, 150, 156

Existência social dos negros e das mulheres 92, 93

Experiências educativas 86

Experiências lesbianas 86, 88

### F

Família 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 41, 45, 46, 50, 56, 60, 79, 83, 88, 90, 146, 149, 151, 155, 165, 167

Feminina 4, 15, 26, 32, 34, 40, 42, 43, 44, 51, 53, 55, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 86, 87, 88, 91, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 131, 133, 154, 155, 159

### G

Gênero 3, 9, 12, 15, 16, 18, 21, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 73, 74, 80, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 121, 122, 123, 129, 135, 136, 137, 138, 140, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 164, 165, 166, 167

### H

Hipervisibilidade 86, 88

História 3, 9, 15, 17, 19, 21, 22, 26, 27, 29, 30, 33, 43, 44, 55, 58, 59, 60, 62, 63, 66, 80, 86, 88, 91, 94, 97, 101, 118, 119, 121, 122, 135, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 158, 162, 166, 167, 168

História oral 19, 21, 29, 30

Histórico 1, 6, 9, 32, 65, 92, 93, 96, 106, 108, 117, 119, 139, 146, 159, 160, 162

Homossexual 2, 17, 18, 53, 54, 55, 56, 62, 63

Homossexualidade 18, 53, 56, 61, 63



## I

Identidade de gênero 34, 42

Identificações masculinas 86, 88

Ideologias segregadas 104, 105, 114, 115

Imprensa 29, 53, 54, 55, 56, 62, 63

Imprensa lésbica 53, 54, 56, 63

Inclusão 28, 66, 69, 72, 78, 79, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 121

## J

Jovens 71, 72, 92, 99, 101, 143

Jovens negras 92, 99, 101

Jurídico 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 37, 41, 50, 82

## L

Legislação 12, 15, 31, 40, 104, 108, 109, 110, 114, 115, 136, 161, 162

Legislação brasileira 104, 108

Lesbianidades 53, 55, 56, 57, 62, 86, 87, 88, 91

## M

Marcações de diferença 92, 93

Marcadores sociais da diferença 60, 92, 93, 95, 96, 99, 101, 102

Marinha do Brasil 19, 20, 21, 27, 28, 29, 30

Masculinidade feminina 86, 87, 88, 91

Memória coletiva comum 116

Mulheres 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167

Mulheres negras 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 144, 150

## N

Narrativa 20, 21, 25, 26, 59, 60, 61, 117, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 145

Negras 92, 93, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 139, 144, 146, 150

## O

Organizações 6, 19, 20, 27, 29, 42, 43, 57, 67, 104, 105, 106, 107, 110, 113, 114, 115, 150, 161, 163, 164, 167

## P

Patriarcado 33, 67, 75

Pedagogo empresarial 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114  
Performatizações de gênero 86, 87, 90  
Pessoas com deficiência 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115  
Poder 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 26, 27, 28, 29, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 51, 52, 66, 80, 88, 90, 95, 98, 100, 101, 102, 103, 109, 116, 117, 118, 120, 121, 124, 133, 135, 139, 143, 145, 146, 159, 163, 166, 167  
Política criminal 31, 34, 35, 37, 40  
Políticas públicas de gênero 28, 42  
Pós-verdade 1, 19, 31, 42, 53, 64, 65, 76, 77, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 92, 104, 116, 123, 136, 148, 157  
Processo histórico 92, 93, 106, 108, 159, 160

## R

Raça 15, 34, 52, 66, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 140, 144, 145, 153  
Racismo 66, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 102, 103, 150, 155  
Representação 15, 16, 64, 65, 88, 98, 116, 117, 121  
Resistências 3, 16, 26, 46, 82, 98, 104

## S

Sexismo 32, 92, 93, 94, 96, 99, 102, 103  
Sistema prisional 31, 34, 40

## T

Trajetória educacional 86, 87  
Trajetórias profissionais 19, 20, 24

## V

Vida de mulheres lésbicas 86  
Violação de direitos 31, 32, 40  
Visibilidade 15, 28, 45, 65, 66, 71, 86, 87, 88, 90, 102, 108, 146, 149, 157, 166

